

MÚSICA NA ESCOLA:
UMA EXPERIÊNCIA DE (COM) FIAR

O texto começa com um questionamento:

Pois bem, agora é lei. O ensino de música deve estar na escola. Mas, como ensinar? Qual o sentido de música na escola?

Para responder a essa pergunta a autora, Adriana Terahata, conta que ocorreram reuniões de vários profissionais. Músicos, músicos educadores e educadores não músicos. O texto então associa essas reuniões ao trabalho das fiadeiras, que fiam e desfiam até construir um tecido. Logo o porquê do subtítulo. UMA EXPERIÊNCIA DE (COM) FIAR.

O texto continua... O trabalho de educar se relaciona diretamente com o ser, o de tornar-se humano. Portanto não deve abordar apenas um pequeno leque de assuntos nem ser feito de modo fixo, padronizado.

Em seguida apresenta uma afirmação de Carvalho (2007:21), que está em conformidade com o pensamento de Hannah Arendt, o papel do professor é ensinar: iniciação deliberada e sistemática nas linguagens, procedimentos e valores referentes tanto a sua área de conhecimento quanto à cultura e aos valores da escola. Em seguida vêm novos questionamentos:

Qual o papel do educador de música?

Quem é ele?

Qual sua formação?

Uma outra questão.

Ensinar na escola de música se difere bastante do ensinar na escola convencional onde a música convive com outras disciplinas que constituem o currículo. Então como deve ser essa convivência? O texto defende que deve haver uma inter-relação profunda e significativa entre as várias disciplinas, onde todos os fazeres educacionais dialoguem entre si para um melhor conhecer o mundo, para melhor estar no mundo.

segue o texto com a apresentação de uma afirmação de Hannah Arendt sobre a educação:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele, e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las aos seus próprios recursos e tampouco arrancar de suas

mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar o mundo comum. (2001: 247)

Em seguida a autora passa a refletir sobre essa afirmação.

Argumenta que é responsabilidade do professor ensinar o maior número de recursos para as crianças, mas tomando o cuidado para não doutrina-las. Usar o âmbito da escola para levar os alunos a diversas experimentações para enriquecer seu desenvolvimento pessoal.

Apresentar os saberes acumulados da humanidade, faze-las circular do discurso corrente, mas sempre as ouvindo sobre as sensações vivenciadas nessas experiências.

Afirma a autora que foi consenso entre os reunidos a necessidade de um mundo solidário e ético para formação de crianças autônomas com capacidade de lidar com a diversidade.

Em seguida a autora aponta necessidade de apresentar às crianças tanto a apreciação musical quanto ao fazer musical.

O texto reforça a necessidade de existir diálogos entre o educador e as crianças. Deve a educação estar sempre pautada na escuta mútua.

Também aponta a que as ações coletivas devem ser priorizadas pautadas sempre na tolerância a diversidade, ao respeito.

No entanto ressalva que tais ações devem passar longe da homogeneização dos indivíduos, as individualidades devem ser respeitadas.

Afirma a necessidade de se romper com as aplicações de guias para os professores. O ensino deve pertencer a uma rede de proteção aos jovens e adolescentes e estar em constante avaliação da própria prática.

Em seguida lança as perguntas.

Qual música ensinar?

Como ensinar? E a qualificação do educador que assumirá esta responsabilidade?

Ela responde que deve o educar se distanciar da arrogância acadêmica, do cientificamente correto, da postura de saber mais, ser o possuidor da verdade.

Também aponta que o ensino musical deve respeitar a diversidade de repertórios, métodos e espaços para acontecerem.